

Tecer me lembra casaco de tricot de vó tocando na pele, barulho de máquina de costura na sala da casa da minha tia-avó, das mãos da minha mãe bordando panos de prato e crochitando no sofá da sala com um café quente na mesinha ao lado. Da minha bisavó entrando pela sala da casa com seu cheiro de alfazema e o quanto isso marcava a presença dela onde quer que ela ia. Minha bisavó, a chamávamos de vó Josepha/ Zepha sempre iniciava uma conversa comigo me chamando para sentar ao lado dela no sofá da casa da minha avó e quase sempre ela falava mal dos homens enquanto esperava o almoço sair (isso as vezes gerava uma polêmica danada com o meu avô na hora do almoço). Me lembro dela levantando um pouco a barra do vestido para ajeitar as meias 3/4 finas e comentando do avesso da costura de seu vestido (ela sempre usava vestidos midi) e o quanto achava "O fim da picada" a moda atual feita para mulheres usarem calças jeans, tênis e camiseta e o quanto ela valorizava um bom tecido ou "fazenda" como normalmente ela chamava e um bom avesso com uma costura bem acabada. O tecido (ter-sido), a costura, as artes têxteis do fazer sempre foram temas recorrentes entre essas mulheres. Guardo como lembranças que me cabem por inteira muito antes de eu me dar conta, (talvez até antes de eu nascer). Hoje teço porque relembro dessas histórias que faziam parte do cotidiano da casa onde eu morava sempre rodeada de gerações diversas de mulheres. O mergulho que faço em cada furo da agulha, me faz colher essas lembranças de uma maneira mais saudosa, segurando muito firme na linha, para conseguir retornar sempre à superfície. Os avessos são minhas cicatrizes.

.
. .
.

Bisavó Josepha, 2020. Série mujeres de mi vida, 2020 em andamento.

Peça composta por caixa de alfazema, crochê, foto da minha bisavó, renda, juta, casca de árvore e bordado sobre diversos papéis.